

NA TERRA DOS OUTROS A GENTE BAMBEIA¹

AMANDA CAMPOS BARBOSA

Amanda Campos nasceu em São Gonçalo - Rio de Janeiro, bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e mestranda em Artes, na linha de pesquisa Arte, Imagem e Escrita, no Programa de Pós Graduação em Artes no (PPGARTES/UERJ). Pesquisa a migração nordestina, sua cultura e formas de reconstrução identitária, visando desenvolver uma história da arte a partir do sertão cearense, com suas expressões e dialetos próprios.

1 As fotografias foram feitas no interior do Ceará durante a pesquisa de campo financiada com recursos da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Entre palavra e imagem, arquivo e fabulação,
o trabalho habita o lugar onde tudo é textura,
em que a escrita ruma continuamente,
originando-se de diversos pedaços de
memórias, tecendo uma rede de história que
trata sobre a finitude iminente de um lugar e de
seus residentes da forma como é conhecida.
Um aqui que se desfaz lentamente, mas que
sobrevive um pouco em cada mísero fragmento
de memória que escrevo.

artes visuais,
cultura
popular,
diário de
bordo,
memória,
paisagem.

Diário de bordo – 17 de Dezembro de 2024

(Cada dia um caminho diferente)

Primeiro dia retornando à pesquisa de campo, e é chegada a hora de colocar o corpo em movimento, voltar a caminhar para construir narrativas e relatos. Começo adentrando um beco que, para mim, até então era desconhecido. O sertão possui inúmeros caminhos possíveis mata adentro, e por mais que já tenha trilhado alguns, é impossível andar por todos.

Afastado da estrada principal, próximo à casa da Dona Odete, o caminho de hoje é feito por uma via estreita e longa - um tanto quanto amedrontador, sem possíveis rotas de fuga. Uma estrada com pouco mais de um metro de largura entre uma cerca e outra.

De súbito escuto cavalos correndo na capoeira ao lado, comento com minha tia que se eles estivessem neste corredor não teríamos chance alguma, a não ser se escorar na cerca, fechar os olhos e esperar que passassem.

Paramos próximo à mangueira e catamos algumas mangas. Ela comenta sobre a morte dos cajueiros depois da morte do dono do terreno: “Dizem os mais antigos que uma grande árvore morre junto com seu dono. Ela não dura, não floresce, não continua seu ciclo.”.

No caminho de volta, ainda com algum tempo antes do sol se pôr, analisamos a casa esquecida da Dona Odete.

“Quem foi a Odete?” - Questiona Luiza, mesma pergunta que minha avó fez certo tempo atrás.

Afinal de contas, quem é a Dona Odete?

Maria Odete é uma senhora de 79 anos que, após a morte do marido e com a maioria dos filhos distribuídos entre Rio de Janeiro e Brasília, encontrava-se totalmente sozinha numa grande casa afastada das outras, praticamente sem contato com o mundo.

Depois de quase uma década vivendo nesta solidão, contando apenas com visitas esporádicas dos filhos, foi possível ver a decadência dela como uma mulher cheia de vida, para uma senhora abandonada, que acumulava cada vez mais doenças.

Dona Odete nunca quis largar a Oiticica, em especial sua casa e as memórias ali criadas, mas chegou o momento em que seus filhos perceberem que aquele estilo de vida não funcionaria por muito mais tempo e tomaram partido por sua vida.

Em Brasília, transitando entre médicos e especialistas, acabou descobrindo um problema de coração. Foi necessário operar, colocar um marca-passo, ficar em observação, dentre tantos outros detalhes que aqui não cabem.

Hoje ela vive na ponte aérea. Não se sabe ao certo se está em Brasília, no Rio de Janeiro, em Fortaleza ou na Serra de Ibiapaba - onde agora é a sua nova residência.

A Casa da Oiticica segue lá, no caso, aqui. Está fechada e a casa de farinha também. Memórias gritam naquele quintal. O açude que fica na parte de trás da casa persiste vivo em meio à seca brutal, esperando um pouco de chuva para poder, enfim, sangrar. A garagem onde a clássica picape azul da Jeep reside, agora virou casa de morcego e sabe-se lá mais o quê.

O portão está sem cadeado, deixando a entrada livre para quem se interessar. E já que estamos aqui, por que não?

Adentramos o quintal alheio e em meio a conversas sobre esse passado que segue presente encontramos papéis das décadas de 80 e 90 - exercícios de datilografia de seus filhos, um recurso chique para época e lugar, diga-se de passagem.

A casa está passando por um processo de esvaziamento. A cada retorno, Dona Odete dá um novo destino para esses objetos de outrora, seja para os conhecidos da localidade (como copos e panelas), seja para o lixo (com muita pesar), ou para a casa nova.

Diário de bordo - 28 de Dezembro de 2024

(Na terra dos outros a gente bambeia)

A Dona Odete chegou ontem, e desde então uma frase em particular martela em minha cabeça: *peessoas como raízes*. Percebi rapidamente que o melhor a fazer seria simplesmente ouvir aqueles relatos, nada além disso. E aqui seguem alguns:

“Passei dois anos andando para riba e pra baixo, parece que Deus prepara. Parece não, Deus prepara a gente da maneira melhor, porque se fosse para eu levantar uma *muda* direto sem eu nunca ter saído de casa, eu não sei como seria não. Só de pensar em *muda* eu ficava doente. Eu lembro de cada pessoa, mas as pessoas que a gente tinha costume já tá tudo espalhado, outros já foram, aí fica triste. A comadre Joana e o Germano saindo dali, acabou-se [o lugar].” - Odete

“A Gorete achou graça, quando eu cheguei na Forquilha e disse: ah, eu já estou me sentindo em casa. A gente se sente mais firme, na terra dos outros parece que a gente fica bambeando.” - Odete

“Eu fui lá em casa ontem. Fiquei emocionada, fiz umas fotos. O rapaz limpou, tá tudo limpinho como se alguém tivesse morando lá mesmo. Não tem como não se emocionar. É a nossa moradia. Foi a nossa moradia a vida inteira.” – Gorete, filha de Odete.

Para além da pergunta *quem era a Odete*, aqui fica a minha: *O que era a Oiticica?*

Assim como a Dona Odete, existem inúmeras pessoas na mesma situação, sem querer deixar seu lar, sua terra, seu ponto de equilíbrio. Ver um lar se tornar um amontoado de cômodos vazios causa uma melancolia sem igual. Não existe mais o cheiro de café vindo da cozinha, nem conversas ressoando pelos corredores. Acabaram-se os latidos dos cachorros e o cacarejar das galinhas no quintal, além do Jeep na garagem, agora restam apenas alguns espelhos e baús, também com destinos incertos.

.



FIGURA 1
PRENSA DE MANDIOCA, OITICICA/CE, 2024. FOTOGRAFIA: AMANDA CAMPOS.



FIGURA 2
AÇUDE DOS BERTOS, OITICA/CE, 2024. FOTOGRAFIA: AMANDA CAMPOS.



FIGURA 3
JEEP DO LUIZ MATIAS, OITICICA/CE, 2024. FOTOGRAFIA: AMANDA CAMPOS.

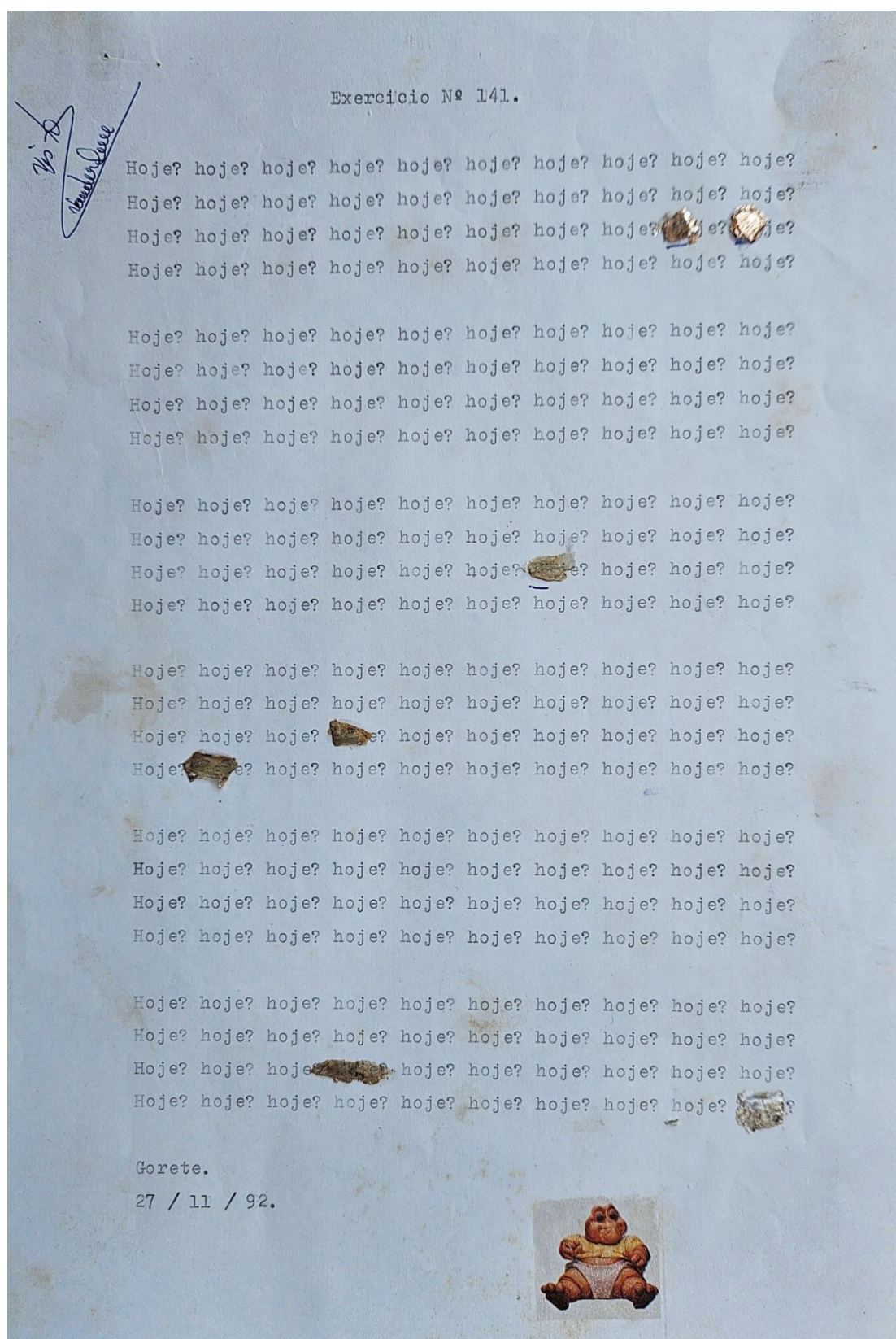


FIGURA 4
 HOJE, EXERCÍCIO Nº 141 DE MARIA GORETE, OITICICA/CE, 2024. FOTOGRAFIA: AMANDA CAMPOS.



FIGURA 5
MANDACARU NA TELHA, OITICA/CE, 2024. FOTOGRAFIA: AMANDA CAMPOS.



FIGURA 6
A INGRATIDÃO PERDE AFEIÇÃO, OITICICA/CE, 2024. FOTOGRAFIA: AMANDA CAMPOS.

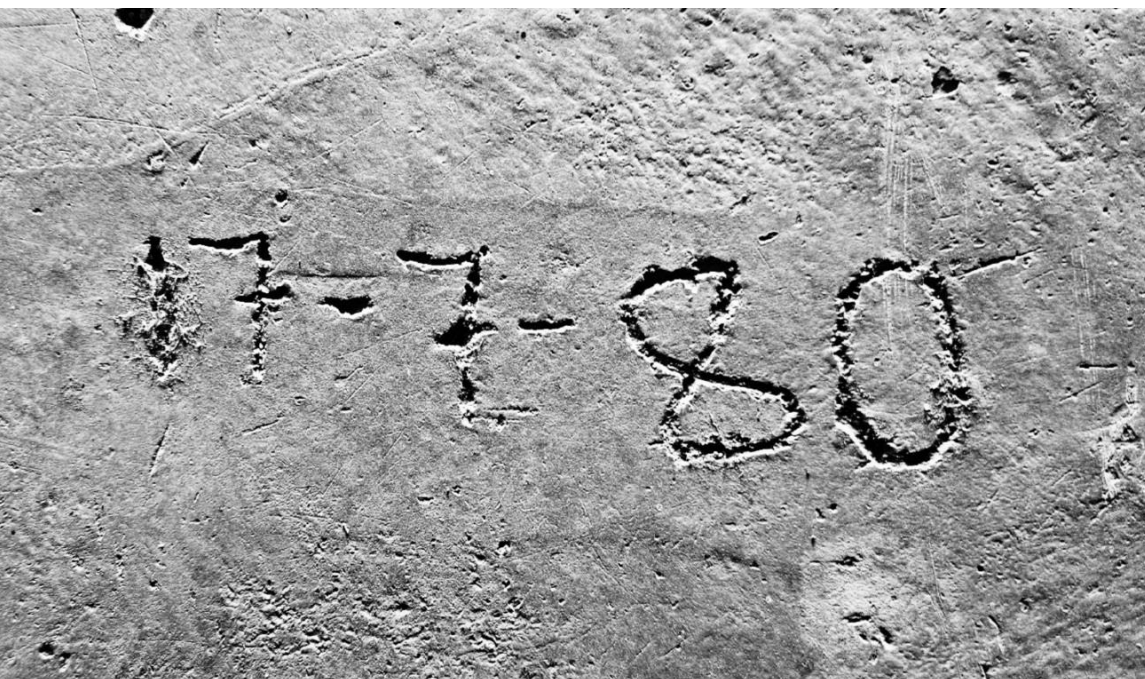


FIGURA 7
17-07-80, OITICICA/CE, 2024. FOTOGRAFIA: AMANDA CAMPOS.



FIGURA 8
DONA ODETE, OITICICA/CE, 2024. FOTOGRAFIA: AMANDA CAMPOS.